

**SIMPLIFICAÇÃO TEXTUAL COMO PERSPECTIVA PARA A FORMAÇÃO DO
TRADUTOR E REVISOR: UM ESTUDO SOBRE TEXTOS DE MUSEUS**
**TEXT SIMPLIFICATION AS A PERSPECTIVE FOR TRANSLATOR AND
EDITOR TRAINING: A STUDY ON MUSEUM TEXTS**

Lucas Meireles TCACENCO (UFRGS)¹

Maria José Bocorny FINATTO (UFRGS)²

Resumo: Este artigo apresenta textos de museus de ciências e tecnologia como um tipo de material de divulgação científica, cujo conhecimento pode ser útil para a formação de tradutores. Além da tradução stricto sensu, esse tipo de material oferece oportunidade de trabalho quando é requerida a sua simplificação ou adaptação para diferentes leitores, envolvendo-se apenas um idioma, na modalidade de tradução intralinguística (TI). O artigo traz algumas ideias sobre necessidades e exigências para a boa formação de tradutores e as correlaciona com o trabalho de simplificação de textos de museus para público infanto-juvenil. Depois, a título de uma aproximação descritiva, trata do papel das terminologias na sua constituição, considerando o trabalho de simplificação como um tipo de TI.

Palavras-chave: Acessibilidade textual e terminológica. Museu de ciências e tecnologia. Tradução Intralinguística. Formação do tradutor.

Abstract: The aim of this paper is to advocate for the relevance of texts of science and technology museums, used for the popularization of science, as a useful type of text for the training of translators. In addition to translation proper, working with this type of material opens up a number of job opportunities if these texts are to be simplified or adapted for different types of readers, in one single language, as a form of intralingual translation (IT). This article brings some ideas about the needs and requirements for high-quality translation training and associate them with the simplification of museum texts for young audiences. After that, to illustrate these ideas, the role of terminologies is addressed, in view of simplification being a form of IT.

Keywords: Textual and Terminological Accessibility. Science and Technology Museum. Intralingual Translation. Translator training.

1 Introdução

Textos de museus não são comumente abordados, como tema, em cursos universitários de formação de tradutores no Brasil. Em recente pesquisa a alguns currículos de cursos de Bacharelado em Letras, como os da UFRGS³, USP⁴ e UFSC⁵, além do curso de

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras, na linha de pesquisa Lexicologia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais. E-mail: lucasmtcacenco@msn.com

² Professora aposentada do Curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Programa de Pós-Graduação em Letras, na linha de pesquisa Lexicologia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais. E-mail: mariafinatto@gmail.com

³ Veja: http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=334

⁴ Veja: <https://www5.usp.br/ensino/graduacao/cursos-oferecidos/letras/>,

⁵ Veja: <http://www.lle.cce.ufsc.br/cursos/ingles/>

Bacharelado em Linguística da UFSCAR⁶, não encontramos qualquer indicação de que sejam tratadas a tradução, a revisão ou a produção desse tipo de texto. Entretanto, em vista da nossa familiaridade com o processo de produção de textos de museus de ciências e tecnologia, somada à nossa experiência como tradutores de textos desse gênero, no par de línguas português e inglês, acreditamos que o trabalho com esses materiais pode oferecer subsídios importantes para a formação de tradutores, revisores e redatores técnicos. Assim, partindo da nossa experiência em particular, acreditamos ser válido ampliar o olhar do futuro profissional também para este tipo de texto de divulgação científica (doravante DC).

O texto de DC de museus, na condição de um todo complexo e multifacetado, ao tratar de temáticas técnicas e científicas, apresenta elementos do léxico especializado e do léxico em geral. É, como qualquer texto, uma unidade que compreende duas dimensões: a da significação e da comunicação (FIORIN, 1995; BARROS, 2005). Entre as suas diferentes características estruturais e discursivas, além da presença de terminologias, esse tipo de texto geralmente funciona em relação de complementaridade com um elemento concreto, visto que acompanha objetos, equipamentos e/ou experimentos em exposições. Desse modo, ambos, texto e objeto, perfazem uma informação veiculada em meio a uma experiência de ensino-aprendizagem proporcionada pelo museu e vivenciada pelo visitante.

Partindo do pressuposto de que é válido conhecer e investigar esse tipo textual, trazemos aqui algumas reflexões e achados que integram uma pesquisa de doutorado em andamento, iniciada em 2018, junto ao PPG-LETRAS-UFRGS na área de Terminologia. A pesquisa tem por objetivo organizar, descrever e analisar um *corpus* de textos escritos, em língua portuguesa, que acompanham experimentos e objetos apresentados no Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS (MCT-PUCRS).

Nessa pesquisa de doutorado, na descrição desse *corpus*, lidamos com a verificação de potencial complexidade do texto para o público leigo em geral, com especial destaque para o papel das terminologias nele empregadas. Em paralelo à verificação, buscamos alternativas para a simplificação do texto – no âmbito do léxico e da sintaxe – considerando favorecer a compreensão de leitores que são estudantes do Ensino Fundamental, alunos de escolas públicas que visitam o MCT-PUCRS. Nesse cenário investigativo, quando tratamos da simplificação ou da adaptação do texto para um público infante-juvenil, consideramos que essa atividade pode ser um tipo de tradução intralinguística (TI).

A TI é um tema bastante controverso em meio aos Estudos da Tradução (JAKOBSON, 1959; ZETHSEN, 2009; ECO, 2007; PARAGUASSU, 2018), principalmente quando se considera que a tradução *stricto sensu* envolve pares de línguas diferentes. Em contraponto, a TI é uma modalidade de tradução em que a língua de chegada e a de partida são as mesmas – no nosso caso, o português.

Zethsen (2009, p. 809), ao esboçar uma descrição geral acerca da TI e das microestratégias nela envolvidas, considera que essa atividade corresponde à concretização de uma ultrapassagem de barreiras de comunicação, a qual é norteadas pelos seguintes parâmetros: conhecimento, tempo, cultura e espaço. Assim, para o desempenho

⁶Veja: http://www.letras.ufscar.br/index.php?option=com_content&view=article&id=169&Itemid=159

da TI, como da tradução *stricto sensu*, será preciso lidar com conhecimentos e culturas diferentes em diálogo em um dado cenário linguístico e comunicativo.

Esse enfrentamento de barreiras, para tornar a mensagem do texto de museus mais acessível para diferentes públicos, visa à promoção da acessibilidade textual e terminológica (ATT). Essa, segundo Finatto et al (2016, p. 66), seria “uma condição do texto que o tornasse compreensível, também, por leitores com algum tipo de limitação, como seu nível de escolaridade, por exemplo.”

Na sequência deste texto, trazemos algumas ideias sobre necessidades e exigências para a boa formação de tradutores e buscamos correlacioná-las com os textos de museus de ciências e com o trabalho de sua simplificação. Em seguida, fazemos algumas considerações sobre textos em museus e trazemos uma caracterização do texto de DC que integra a comunicação museal. Depois disso, a título de uma aproximação descritiva, tratamos do papel das terminologias na sua constituição, considerando ilustrar o trabalho de simplificação do texto como um tipo de TI.

2 A formação de tradutores e a simplificação de textos

A formação de tradutores, no Brasil, no âmbito universitário, encontra guarida, em sua maioria, nos cursos de Letras, mais especificamente, nos Bacharelados em Tradução e / ou Bacharelados em Letras. Essa habilitação já tem sido foco de alguns estudos, seja sobre o perfil de egressos ou sobre os tipos de currículos de formação.

O trabalho de Bevilacqua (2013), por exemplo, analisou o perfil do egresso do Bacharelado em Tradução em Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) considerando a necessidade de adequar o currículo às exigências do mercado de trabalho. Nessa direção, conclui que há a necessidade de um perfil profissional que possa dar conta das inúmeras especificidades do texto. Para tanto, defende que sejam exploradas as competências e habilidades citadas por Hurtado Abir (2001 e 2005). Dentre as competências, destaca:

- a) Aquisição de conhecimentos aprofundados e reflexão sobre estudos da linguagem, teorias de texto, teorias de tradução teorias de leitura, estudos literários, estudos de cultura e de língua materna e línguas estrangeiras;
- b) Aquisição de competência em leitura e em produção textual, de maneira a posicionar-se de modo reflexivo, ético e crítico frente a essas competências;
- c) Desenvolvimento da capacidade de (...) recursos de informática (...), (...) equipamentos e materiais de consulta, (...), (...) autonomia e agilidade (...);
- d) Apropriação de seu lugar social e conscientização de seu papel na classe (...);
- e) Desenvolvimento da habilidade de desempenhar atividades em equipe (...) (BEVILACQUA, 2013, p. 33-34).

Por outro lado, dentre as habilidades, aponta:

- a) Traduzir textos especializados e não especializados de diferentes gêneros e tipos;
- b) Revisar textos em língua materna, em língua estrangeira e traduções;
- c) Produzir e/ou assessorar a produção de textos de diferentes gêneros e tipos;
- d) Produzir e avaliar materiais terminográficos e/ou lexicográficos, [entre outros] (BEVILACQUA, 2013, p. 34-34).

Nesse quadro de elementos importantes para uma boa formação profissional, há alguns que podem ser relacionados ao trabalho com o texto de DC produzido por um museu de ciências e tecnologia. Nesse trabalho, pode estar a assessoria à escrita para a simplificação

ou adaptação do material para diferentes destinatários considerando o objetivo de promover a sua maior ATT.

No Quadro 1, vemos um exemplo desse tipo de texto cuja produção, revisão ou tradução pode representar uma opção de trabalho para o futuro tradutor.

Quadro 1: Trecho de texto do MCT-PUCRS

Homologia molecular refere-se à semelhança no material genético dos seres vivos. Em todas as espécies o material genético é formado pelas mesmas unidades químicas, as bases nitrogenadas. Estas se organizam em genes, que são os responsáveis pelas informações hereditárias. Uma variação na organização das bases nitrogenadas é que determina a variabilidade entre as espécies. Por outro lado, quanto mais semelhantes forem as sequências de genes, mais próxima é a história evolutiva dos grupos.

Fonte: MCT-PUCRS (2016)

Outro estudo sobre a formação de tradutores é o de Gonçalves (2015). O autor apresenta uma série de capacidades que o profissional deve ter para inserir-se de modo adequado no mercado de trabalho.

No que diz respeito ao nosso caso, as capacidades mais diretamente associadas ao trabalho com textos de museus são: a) capacidade pragmática e estratégica; b) capacidade sociolinguística, estilística, textual e discursiva nas línguas de trabalho e c) capacidade temática com foco no conhecimento de um domínio e de um repertório terminológico.

Essas capacidades, além de outras, tornam-se importantes para o trabalho com a TI que envolve adaptar textos de museus. Afinal, será preciso que o profissional tradutor-redator entenda o cenário comunicativo envolvido, saiba os propósitos que o texto deve cumprir, identifique as terminologias empregadas, os conceitos implicados e as alternativas para a sua apresentação para um determinado leitor. São assim, vários passos de estudo e de reflexão até que o profissional possa propor alternativas de reescrita do texto original para chegar então a uma simplificação adequada em termos de conteúdo e de forma. Naturalmente, entram aqui, também, a relação entre o profissional tradutor-simplificador, o autor do texto original, geralmente um especialista em ciências, e o leitor-destinatário.

Delgado (2012), em um estudo que traz uma proposta de ensino de tradução na temática das linguagens especializadas, propõe o uso de mapas conceituais como suporte à aprendizagem que envolve lidar com textos técnicos e científicos. Esse tipo de recurso pode ser de grande utilidade para que o aprendiz consiga organizar os principais tópicos de um texto de partida na língua A e para a sua verificação no texto de chegada na língua B.

No que se refere aos textos de museus, seria interessante, por exemplo, imaginar a utilização do mesmo recurso, ainda que as línguas A e B sejam a mesma. Assim, o aprendiz ou profissional poderia organizar uma primeira abordagem do texto original e considerar que elementos poderiam ser destacados ou suprimidos considerando-se a sua adaptação.

Considerando essas ideias para qualificar e formação de tradutores, acreditamos que é possível, nelas, encaixar a simplificação desse tipo de texto de DC como um tipo de tradução ou, pelo menos, como um tipo de trabalho para o profissional tradutor. Afinal, muitas das demandas para essa atividade já se encontram abrigadas na sua formação. Entretanto, as características, a natureza dos textos de museus de ciências, assim como a ambiência e a pedagogia desses museus, precisariam receber alguma de atenção por parte de professores e de aprendizes de tradução.

3 Os museus de ciências e seus textos

Wagensberg (2005) define um museu de ciências [e tecnologia] como um “espaço dedicado a despertar, nos visitantes, estímulos a favor do conhecimento e do método científico⁷”. Além disso, Wagensberg (2001) argumenta que essas instituições se caracterizam por ajudar a promover a opinião científica do cidadão, o que pode ser obtido com a credibilidade e prestígio que suas exposições conferem ao restante das atividades que se realizam no museu, tais como conferências, debates, seminários, congressos, etc. O autor ainda acrescenta que um museu de ciências [e tecnologia] desperta – ou deveria despertar – mais perguntas do que respostas. Conforme salienta esse autor, a realidade se constitui como o elemento museológico e museográfico prioritário. Textos, vozes, imagens e jogos, entre outros, podem ser essenciais em outros meios, mas, no museu, tornam-se complementares.

Não obstante as considerações de Wagensberg (2001) acerca do texto de museu como peça complementar e que ocupa um papel secundário, acreditamos que eles devem ser produzidos de maneira cuidadosa e criteriosa, levando-se em consideração uma multiplicidade de aspectos. Entre esses, as necessidades do leitor-destinatário, o seu nível de letramento, a legibilidade do material e o seu desenho, como tamanhos e cores de letras e ilustrações, a quantidade de texto, etc. Afinal, caso o texto seja apresentado em uma linguagem não compatível com o perfil de conhecimento dos frequentadores, a apropriação do conhecimento poderá ser bastante prejudicada.

Outros pesquisadores partilham de opiniões semelhantes à nossa. Por exemplo, Cortez (2010) argumenta ser “obrigatório que o ato de escrever seja equacionado à luz da ciência que se dedica ao estudo da linguagem verbal”. Em sua concepção, “o cruzamento da Linguística com a Museologia é uma perspectiva relativamente nova e, portanto, ávida de investigação” (CORTEZ, 2010, p. 5). Assim, sustenta que deva haver um estreitamento de laços entre essas duas áreas.

Por sua vez, Blanco (1999 *apud* REFOSCO 2016) faz um chamado para a necessidade de se haver textos em espaços expositivos. A autora sustenta que nem sempre os frequentadores possuem conhecimento prévio dos objetos apresentados em dada exposição. Ela também argumenta que o texto tem um papel fundamental uma vez que consegue converter a mera exibição de um objeto em algo com intencionalidade.

Nessa mesma linha, Fernández e Fernández (2007 *apud* REFOSCO 2016) compartilham da mesma visão: “Na maior parte dos casos, não se pode comunicar de maneira efetiva sem palavras, uma vez que é necessário um tratamento cuidadoso da informação (Tradução nossa).”⁸ Embora seu argumento verse sobre ‘objetos’, o que nos remete a tipos de museus outros que não os museus de ciência e tecnologia, podemos estabelecer uma analogia entre os já referidos objetos e os experimentos.

A seguir, tratamos alguns aspectos da DC e como os textos de museus poderiam se tornar mais acessíveis para determinados tipos de público, principalmente através do trabalho de um redator que seja um profissional egresso de um curso de Tradução.

⁷ Este trecho foi adaptado por nós a partir do original em inglês: A Science museum is a space dedicated to providing a stimulus to scientific knowledge, the scientific method and scientific opinion.

⁸ Este trecho foi adaptado por nós a partir do original em espanhol: En la mayoría de los casos no se puede comunicar de manera efectiva sin palabras, por lo que es necesario un tratamiento cuidadoso de la información.” (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ, 2007, p. 97 *apud* Refosco 2016).

4 Divulgação científica e terminologias e tradução intralinguística e acessibilidade

Em se tratando de museus de ciências e tecnologia, instituições que se dedicam a divulgar a ciência, em suas mais variadas dimensões e utilizando diferentes recursos, cabem aqui algumas considerações sobre como elas, concretamente, desempenham a DC. Em meio à vasta gama de possibilidades, dado que o material escrito exerce papel muito importante, trazemos o trabalho de Tcacenco (2019) que, justamente, trata de textos de museus e das suas terminologias.

4.1 Divulgação científica e terminologias

Um texto escrito, produzido por técnicos de um museu de ciências e tecnologia, para acompanhar objetos e experimentos expostos, veicula informações sobre determinada área de conhecimento. Assim, pode ser considerado como um tipo de texto especializado. Nele, consubstancia-se um diálogo entre um autor, que é geralmente um especialista em ciências, e um leitor-destinatário que é leigo no assunto.

No que tange à melhor aceitação de um texto especializado por uma audiência não especializada, caberia ao produtor do texto o papel de transformar a mensagem. Bueno (2010) argumenta que, no discurso da divulgação científica, é imperativo fazerem-se concessões de linguagem e decodificação, pois o público-alvo tende a não ser cientificamente “alfabetizado”. Além disso, quanto à natureza dos canais, na DC, o círculo de comunicação é bastante amplo. Quanto às intenções, na DC, o intuito principal é democratizar o conhecimento científico.

Nesse processo, será preciso contemplar, na formulação de texto, a tradução ou explicação de diferentes terminologias, o uso de palavras mais usuais ou familiares para o leitor e o emprego de uma sintaxe frasal e textual que favoreçam a comunicação. Nesse contexto, as terminologias são apenas um elemento entre vários, mas merecem um destaque especial. Afinal, as terminologias – e os respectivos conceitos a que se associam – marcam um território de conhecimento. A sua aprendizagem, assim, integra a construção de um dado conhecimento.

A propósito, o trabalho de Tcacenco (2019) analisou como terminologias tendem a ser postas em meio a textos do MCT-PUCRS, filiando-se às perspectivas textuais da Terminologia para conduzir sua análise. Ao compilar e analisar um *corpus* de textos apresentados no MCT-PUCRS, incluindo o texto apresentado no Quadro 1 acima, o pesquisador evidenciou uma alta densidade terminológica nos textos que ora recebiam alguma forma de tratamento, ora não recebiam nenhuma.

Dentre as modalidades de tratamento terminológico que observou nesses textos, estão: a) paráfrase explanatória; b) compensação pelo uso de elementos semióticos; c) inclusão de sinônimos entre parênteses; d) tratamento não reformulativo e e) nenhum tipo de facilitação.

Ao tratar da situacionalidade envolvida nessa comunicação museu-visitante, mediada pelo texto escrito, Tcacenco (2019) aponta que as terminologias, conforme observa no seu *corpus*, geralmente recebem pouco ou nenhum tratamento por parte dos redatores-autores. Isso pode gerar uma barreira para a compreensão do leitor, seja ele não letrado ou com letramento em desenvolvimento, visto que é um não-especialista. A partir disso, destaca alternativas para que se possa pensar numa melhoria de condições para a promoção da ATT desses textos.

4.2 Tradução intralinguística e acessibilidade

Somente quando lidamos com um texto concreto conforme foi elaborado por seu autor (um especialista em ciências) e quando enfrentamos o desafio de adaptá-lo para um destinatário (como um estudante do Ensino Fundamental), é que se torna possível avaliar a dimensão de fatores mobilizados nesse processo tradutório. Isso é o que busca representar a amostra no Quadro 2:

Quadro 2: Versão original e versão simplificada do texto Corrigindo a Miopia

Versão Original	Versão Simplificada
<p>CORRIGINDO A MIOPIA Aperte o botão para ligar o equipamento e gire o disco óptico. Observe as direções seguidas pelo feixe de luz incidente (antes da lente) e pelo feixe emergente (depois da lente), no disco óptico. O feixe incidente é um feixe paralelo. Ao passar pela lente, torna-se um feixe emergente divergente, devido à refração. Os raios luminosos do feixe emergente se interceptarão no ponto que chamamos de foco.</p> <p>E o que isso tem a ver com a sua vida? Em um olho que apresenta miopia, a imagem dos objetos DISTANTES forma-se antes da retina. Para corrigir a miopia, usam-se lentes divergentes.</p>	<p>CORRIGINDO A MIOPIA Aperte o botão para ligar o equipamento e gire o disco óptico. Você conseguirá produzir alguns feixes de luz, ou seja, algo como raios. Observe as direções que o feixe de luz incidente (antes da lente) e o feixe emergente (depois da lente) seguem no disco óptico. O feixe incidente é um feixe paralelo, ou seja, os raios de luz nunca se cruzam. Ao passar pela lente, torna-se um feixe emergente divergente, devido à refração, ou seja, a direção da onda muda. Os raios luminosos do feixe emergente se encontrarão no ponto que chamamos de foco.</p> <p>E o que isso tem a ver com a sua vida? Em pessoas com miopia, a imagem dos objetos DISTANTES se forma antes da parte do olho que forma as imagens: a retina. Para corrigir a miopia, as pessoas usam lentes divergentes.</p>

Fonte: Os autores (2020)

A versão original do texto acima foi por nós submetida a um processo de simplificação lexical e simplificação sintática, que se materializou na sua reescrita, tentativamente, adaptada para um público infanto-juvenil. A versão original do texto, cabe salientar, destina-se para o público em geral, sem ter havido a ideia de um leitor mais específico, que esteja, por exemplo, frequentando a etapa final do Ensino Fundamental, e que tenha entre 10 e 14 anos de idade.

Como é possível observar, trata-se, tanto no original como na simplificação, de um texto com grande densidade terminológica. Assim, além de lidar com as terminologias, tentando situá-las, foi preciso substituir algumas palavras que consideramos potencialmente complexas por palavras mais simples, quebrar frases longas em frases mais curtas, usar voz ativa em lugar da voz passiva e empregar o sujeito explícito em detrimento das orações com sujeito indeterminado ou oculto. Para promover a ATT, buscamos diferentes estratégias de simplificação e reescrita, as quais tendem a variar de texto para texto.

Nesse sentido, o trabalho de Silva (2018) oferece-nos um auxílio importante ao trazer todo um conjunto de estratégias de reescrita que foram objeto de testes. O autor trabalhou uma série de estratégias aplicáveis a textos de DC, tais como simplificação lexical, simplificação por ampliação da informação, eliminação da voz passiva, entre outras. Na

mesma linha, também ao trabalho de Carpio (2016) traz estratégias e opções de adaptação de textos sobre temas de Saúde que o público leigo.

Essa reescrita, que busca a simplificação de um texto como o Quadro 2, longe de ser um trabalho trivial, conforme entendemos, pode ser compreendida como um tipo de tradução. Nesse sentido, pode ser um assunto em meio à formação de tradutores.

4.3 *Acessibilidade textual e terminológica em meio à formação de tradutores*

Conforme o exemplo do Quadro 2 visa demonstrar, para se chegar a uma simplificação qualificada, entram em jogo muitos fatores. Entre eles, a forma de tratamento das terminologias, o cuidado com o tipo de comunicação, a atenção às especificidades do leitor-alvo, nível de letramento, hábitos de leitura, escolarização, proficiência na língua portuguesa, entre outros. Assim, a tarefa de simplificação torna-se altamente complexa.

Conforme trazido por Bevilacqua (2013), Gonçalves (2015) e Delgado (2012) antes mencionados, várias das habilidades que são inerentes aos profissionais tradutores também podem ser aplicáveis ao perfil de um “profissional simplificador”. Nesse sentido, já existem alternativas de inclusão desse tema nos currículos de formação de tradutores. Uma dessas é a disciplina e o programa de estudos denominado “TEA – Tradução Especializada Acessível”, propostos por Paraguassu (2018). A disciplina abordaria variados tópicos relacionados ao tema, tais como: Linguagens Especializadas, Terminologia, Tradução, os Movimentos *Plain Language*, Complexidade Textual, entre outros.

No tocante aos textos de museus, mais especificamente aos de ciências e tecnologia, nosso breve apanhado mostra que são um terreno fértil para exploração para aprendizes de tradução, seja da TI ou da tradução *stricto sensu*. Afinal, eles contêm terminologias, podem apresentar estrutura sintática e semântica complexas, além de precisarem atingir variadas audiências com níveis de letramento diferentes. Para a sua adaptação, muitas vezes, é preciso interferir bastante na estrutura dos textos, desde a escolha de palavras até a organização interfrasal.

5 **Conclusão e perspectivas**

Os egressos dos cursos de Bacharelado em Letras / Bacharelado em Tradução serão, antes de tudo, profissionais do texto. Todas as formas de se trabalhar e manipular o texto, seja em sua forma oral ou escrita, em todas as suas facetas, agregarão valor à formação desses profissionais.

Desse modo, nesses cursos devem ser trabalhados textos de variadas tipologias e gêneros. Trazer o texto de DC de museus para o cenário da formação significaria melhor qualificar esses profissionais para que possam lidar com as demandas de trabalho da área da Museologia e também da Educação em Ciências.

Em um museu, o fato de os visitantes precisarem seguir instruções de um texto escrito para poderem manusear um dado experimento e se apropriar dos conceitos apresentados, confere a esses materiais um papel de muito importante. Sem o insumo do texto, o visitante estará simplesmente apertando botões e puxando alavancas sem se completar o propósito da aprendizagem conforme foi concebido.

No que tange à TI, ela assim pode ensejar uma miríade de possibilidades para o futuro profissional da tradução. A simplificação textual pode abrir portas para a criação de novos postos de trabalho, haja vista a grande variedade de material escrito que é veiculado e que, muitas vezes, não consegue atingir, com sucesso, determinadas audiências. Isso

também por conta de questões da formulação linguística – incluindo-se problemas do léxico terminológico não tratado. Conforme apresentado por Bevilacqua (2013) e as contribuições de Gonçalves (2015) acerca das reformulações do modelo de competências tradutórias, uma vez levados a cabo de maneira eficiente, os profissionais do texto estariam municiados para fazer intervenções no texto para adequá-lo ao seu público-alvo.

A busca pela ATT enseja uma variedade de possibilidades para o futuro profissional do texto, em especial, àquele oriundo dos Bacharelados em Tradução. Tendo lidado com o tema da DC, durante seu estágio de formação, esse profissional terá melhores condições para fazer com que a informação chegue de modo efetivo ao seu destinatário. Esse tipo de atividade, que envolve a simplificação de textos sobre temas de ciências para diferentes públicos, ao equipar-se a um tipo de tradução, pode oferecer uma demanda de trabalho e mesmo de pesquisa significativa para os egressos dos cursos de formação universitária.

Nessa direção, na pesquisa de doutorado citada no início deste artigo, queremos propor bases para um guia de escrita para textos de museus de ciências. As recomendações desse guia levarão em consideração os aspectos lexicais, sintáticos, pragmáticos e discursivos do texto e do cenário de comunicação.

Para concluir, fica o convite para o envolvimento de novos pesquisadores com o tema da TI e da ATT. Entre várias temáticas e cenários comunicativos, vale deixar aqui a sugestão para que se possa refletir sobre a necessidade de simplificações, de redações adaptadas ou de traduções de textos informativos sobre textos de Utilidade Pública para imigrantes e refugiados que têm chegado ao nosso país. Nesse ponto, conforme entendemos, a tradução *stricto sensu* e também a TI poderiam ser reunidas.

6 Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. A formação de tradutores e língua espanhola na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Intersecciones – Revista da APEESP*. No. 1, 2º semestre de 2013.
- CARPIO, Paula María Salem. **Abaixando o cocho**: Adaptação de textos sobre doenças causadas pela inalação de amianto destinados para o público leigo. 2017, 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- CORTEZ, Alcina. Três é o Par Perfeito: O texto senta-se entre o visitante e o objecto. **Boletim Informação ICOM Portugal**, Portugal, n. 10, II Serie, 2010, 05 p. Disponível em: http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-10_set-nov10.pdf; Acesso em: 15 out 2015.
- DELGADO, Heloísa Koch Orsi. **Proposta de uma didática de tradução de linguagens especializadas para licenciandos em língua inglesa**. 2012, 250 p. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FINATTO, Maria José B.; STEFANI, M.; EVERS, Aline; PASQUALINI, B. **Vocabulário, Complexidade Textual e Compreensão de Leitura em**

Ambientes Digitais de Ensino: Uma Investigação Inicial com Alunos do Ensino Médio. *Texto Livre*, v. 9, p. 64-76, 2016.

- FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 165-175, 1995.
- GONÇALVES, José Luiz Vila Real. Repensando o desenvolvimento da competência tradutória e suas implicações para a formação do tradutor. **Revista Graphos**, v. 17 n. 1, 2015. UFPB/PPGL.
- HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología**. Madrid: Gredos, 2001.
- HURTADO ALBIR, Amparo. EM: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio. Competência e tradução. **Cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 19-57, 2005.
- JAKOBSON, Roman (1959/2000): On linguistic aspects of translation. *In*: Lawrence VENUTI. **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 113-118.
- PARAGUASSU, Liana Braga. **Tradução Especializada Acessível (TEA): Revisão do Tema e Proposta de Disciplina para Cursos de Graduação em Tradução**. Dissertação de Mestrado UFRGS. Porto Alegre, 2018. 271 p.
- REFOSCO, Maitê Capistrano. **Diálogos Cruzados: Percepções Acerca dos Textos Expositivos no Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul**. 2016, 109 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Programa de Bacharelado em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.
- SILVA, Asafe Davi Cortina da. **Textos de Divulgação para Leigos sobre o Transtorno do Estresse Pós-Traumático em Português: alternativas para a acessibilidade textual e terminológica**. 2018, 427 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- TCACENCO, Lucas Meireles. Análise do tratamento terminológico dos textos do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS e sua relação com a Situacionalidade. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 59, out. 2019. p. 347-369.
- WAGENSBERG, Jorge. Principios fundamentales de la museologia científica moderna. **Cuaderno Central**. Número 55, Abril – Junho, 2001.

WAGENSBERG, Jorge. The “total” museum, a tool for social change. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, supl., p. 309-321, 2005.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/14.pdf>.